

# A VIAGEM DA TUA VIDA

NUNCA É TARDE PARA PERSEGUIRES O QUE AMAS



*Andrés Pascual*

Orador Motivacional e Escritor Bestseller

 nascente

# Índice

Fazer as malas <i>A vida, a viagem definitiva</i>	13
Primeira escala: África do Sul <i>Sou senhor do meu destino</i>	19
Segunda escala: Tibete <i>Em busca do Xangrilá</i>	45
Terceira escala: Síria <i>A travessia do deserto</i>	69
Quarta escala: Índia <i>Help!</i>	93
Quinta escala: Madagáscar <i>À abordagem!</i>	119
Sexta escala: Etiópia <i>Tirar o relógio e recuperar o tempo</i>	143

Sétima escala: Japão	
<i>A arte zen de não julgar</i>	167
Oitava escala: Indonésia	
<i>Subir ao vulcão</i>	189
Nona escala: Brasil	
<i>Viver o agora</i>	215
Fim de viagem	
<i>Olha-te ao espelho e sorri</i>	241
Agradecimentos	247

*Não há dever que descuremos tanto como o de sermos felizes.*

Robert Louis Stevenson

# Fazer as malas

A VIDA, A VIAGEM DEFINITIVA



Já alguma vez tiveste a sensação de estar a viver a vida de outro?  
Sentes que te falta alguma coisa?

Aconteceu-me a mim. A nossa sociedade faz com que todos, num momento ou noutra, vivamos uma vida que não controlamos, impelidos pela inércia do trabalho, por uma relação desajustada, pelo caos quotidiano, pela incúria ou pela frustração.

Confirmo-o todos os dias com muitos leitores e com as pessoas que me rodeiam. Ao tomar conhecimento de que há uns meses deixei o escritório de advogados, ao qual ofereci 20 anos, para me dedicar exclusivamente à escrita, param-me na rua e, apertando-me o braço com cumplicidade, sussurram-me ao ouvido: «Que sorte poder fazer aquilo que ama.»

É então que me estremeço ao pensar: Não deveria ser sempre assim, entregarmo-nos de corpo e alma àquilo que amamos? E não falo necessariamente em mudar de vida de forma radical, dar uma reviravolta de 180 graus e cortar com tudo, gritando

«Carpe diem!» Bem sei que vivemos num mundo complexo, com muitos fios a controlar para que o papagaio não caia. Falo de nos sentirmos realizados, de desatarmos a correr atrás das coisas que fazem com que o coração nos bata de uma forma especial, que nos desenham um sorriso que não nos cabe na boca.

O meu pai passou décadas a lamentar-se porque adorava tocar saxofone e, ao mesmo tempo, a convencer-se a si mesmo de que era algo de impossível. Impossível... Aos 60 anos, decidiu que as únicas barreiras que existiam estavam na sua mente, começou a ensaiar e, mesmo sabendo que nunca será o Charlie Parker, aquele instrumento enche-lhe a vida de luz. Agora, aos 70 e tantos, começou a alternar o saxofone com a harmónica, mais fácil de transportar de um lado para o outro. De volta à página 1. De novo aquele sorriso de emoção. Nada o impede de perseguir aquilo que ama, seja o que for e em qualquer momento.

Talvez estejas a pensar: «Está bem. Quero encontrar o meu objetivo de vida, perseguir as minhas metas e sonhos! Mas será que uma pessoa normal pode mesmo alcançá-los?»

Todos somos pessoas normais. Aqueles que protagonizaram os grandes marcos da história eram como tu ou como eu, com as suas virtudes e as suas fragilidades. A sua única vantagem foi terem consciência de quais eram essas virtudes, para as potenciarem, e de quais eram as suas fragilidades, para as combaterem ou, pelo menos, evitar que gangrenassem o resto do seu ser.

Quando chegar a hora e estivermos no leito de morte, muito velhos e com o rosto cheio de rugas, parados diante daquilo a que chamam o túnel, formularemos uma única pergunta: Terei aproveitado devidamente a viagem da minha vida?

Nesse instante, ninguém (nem nós mesmos, que somos os nossos juízes mais impiedosos) nos vai pedir contas por não termos alcançado alguma das coisas que amamos. Aquilo que reprovaremos a nós próprios (e não quero imaginar a tristeza que sentiria, seria preferível que nunca acontecesse) é não termos caminhado em direção a elas.

### **PERCORRER O MEU CAMINHO**

Eu levava uma vida muito confortável. Mas um belo dia vi-me ao espelho e não me reconheci.

Então, comecei a viajar, e tudo mudou.

Nas viagens encontrei mil respostas. Melhor, mil novas perguntas que faziam com que reequacionasse a minha própria realidade. Encontrei inspiração para aquilo que mais tarde foram os meus romances e, o mais importante, guardei dez preciosos ensinamentos que me guiaram na viagem mais importante de todas: aquela que realizei às profundezas do meu coração para descobrir aquilo que realmente amava e redirecionar a minha vida.

Hoje escrevo estas páginas numas águas-furtadas londrinas do bairro de Notting Hill, com as suas fachadas pastel, perto de outra zona chamada Bayswater, que também me apaixonou pela mescla de culturas, com os seus pontos persas, gregos, coreanos... É como estar em todos esses países ao mesmo tempo. Basta virar a cabeça e olhar para o passeio, em frente.

Estou aqui e faço aquilo que amo. Não sei se será ou não para sempre (o que é «para sempre»?), mas sou feliz.



Melhor ainda, estou tranquilo. A felicidade é algo de etéreo, algo de que se goza por uns segundos antes de nos escapar por entre os dedos, desvanecendo-se como fumo. Mas a serenidade, a paz... não se paga com dinheiro. Sei que estou a fazer o que tenho de fazer neste momento: escrever este livro, preparar o seguinte, aperfeiçoar o meu inglês...

É um caminho longo, um caminho difícil e, sobretudo, um caminho inseguro. Claramente, muito mais incerto do que o próspero escritório de advogados com 20 anos de experiência que deixei para estar hoje aqui. Mas é o meu caminho.

Estou a viver a minha própria vida.

Isto faz com que me sinta imensamente agradecido; e por isso escrevi esta mão-cheia de páginas. Para partilhar contigo as minhas duas viagens simultâneas, a geográfica e a interior. Quero que me acompanhes e que vivas como tuas as aventuras pelos dez fascinantes recantos do planeta que me fizeram mudar, para que também te transformes com elas.

Dez escalas.

Dez ferramentas.

Um único objetivo: fazer-te perseguir aquilo que amas.

Primeira escala:  
África do Sul

SOU SENHOR DO MEU DESTINO



## ÁFRICA DO SUL POR ACASO

Muitas coisas importantes acontecem por acaso... ou então é isso que pensamos. Deixa-me contar-te como cheguei à África do Sul, porque passados quase 20 anos continua a ser uma das histórias mais bonitas que vivi.

Tudo começou nos Países Baixos, entre casas irreais e pinturas barrocas. Era uma das primeiras viagens que fazia com a Cristina, a minha namorada. Tínhamos passado a noite em Bruges e queríamos visitar Gante, pelo que apanhámos um comboio bem cedo para aproveitarmos o dia. Quando chegámos, apanhámos um elétrico. Agarrado ao varão, lembrei-me de perguntar a um senhor mais velho em que paragem devíamos sair para podermos dar uma volta pelo centro histórico.

— Podem fazer-me companhia — propôs —, vou fazer a mesma coisa.

Voltei-me para a Cristina com cara de caso. Éramos uns miúdos, e aquele homem não tinha ar de ser o acompanhante ideal para um dia romântico. Mas o seu convite fora tão direto e inocente que tive pena de lhe fazer a desfeita. Imaginei-o a andar sozinho pelas mesmas ruas que nós, evitando cruzarmo-nos com ele para não sentirmos vergonha...

A Cristina encolheu de ombros, e eu disse com um entusiasmo latino:

— Com certeza!

Para nossa surpresa, começou a narrar-nos a história de sua vida com uma voz simultaneamente rotunda e acariciante, como a de um locutor de documentários. De facto, parecia-se com o David Attenborough, o naturalista que aparecia nos programas da BBC. «Nasci naquele edifício, por aquela janela a minha mãe aparecia para me avisar de que o jantar já estava pronto, ali era a minha escola...» Contou-nos que, muito novo, emigrara para a África do Sul com a Edith, a sua mulher, onde haviam vivido desde então. Dedicava-se à criação de *africanis*, uma raça de cães sobre os quais escrevera vários livros.

— Antes disso fui fotógrafo — explicou —, mas durante uma expedição pelo rio Congo, a acompanhar a rota seguida por Joseph Conrad ao escrever o romance *O Coração das Trevas*, fiquei quase cego. Já estão a ver o paradoxo...

Caminhava com tanta segurança que até então não me apercebera do tamanho dos seus óculos, com vidros grossos e escuros.

O Johan — era este o seu nome — passara décadas sem regressar à cidade da sua infância. Por vezes, virávamos uma esquina, e emocionava-se de nostalgia. Foi um dia cheio de magia. Tornou-se evidente que uma das maravilhas de viajar

era conhecer pessoas que nos ensinam a olhar o mundo com olhos diferentes (no caso do Johan, com os olhos quase fechados, mas com o coração bem aberto).

Já de volta aos respetivos lares, trocámos algumas cartas. Dois anos mais tarde, telefonei-lhe. Eu e a Cristina tencionávamos viajar pela Tanzânia, e queria perguntar-lhe se conhecia o país.

— Têm é de ir à África do Sul! — exclamou do outro lado da linha. — Terei todo o prazer em receber-vos em minha casa e preparar-vos um itinerário que nunca esquecerão.

Não sabíamos o que ali nos esperava, mas não hesitámos nem por um instante. Metemo-nos num avião e rumámos à terra dos zulus.

*A maior virtude de um bom marinheiro é uma saudável incerteza.*

Joseph Conrad, autor de *O Coração das Trevas*

## ○ ESPELHO RETROVISOR

O Fabián, um grande amigo, e a Gela, uma das minhas muitas e queridas cunhadas (a Cristina é a mais nova de oito irmãs), prepararam-se para a expedição. Depois de voarmos 9000 quilómetros, uma vez no aeroporto de Joanesburgo alugámos uma carrinha para nos deslocarmos livremente pelo país com as nossas quatro esteiras.

Lembro-me bem do momento em que abri a porta do condutor e verifiquei que o volante estava do lado oposto. Quando

planeámos a viagem e decidimos fazê-la por nossa conta, não vimos inconveniente no facto de ali se circular ao estilo britânico; mas, depois de nos encontrarmos no terreno, tendo à nossa frente milhares de quilómetros povoados de animais e os montes Drakensberg — conhecidos pelos nativos como «a grande barreira das lanças» —, a coisa começava a parecer um pouco mais complicada.

Dei algumas voltas receosas pelo estacionamento. Sempre que ia meter uma nova mudança, avançava instintivamente a mão direita e batia-a contra a porta. Tentava ligar o pisca e acionava o limpa-para-brisas. Depois de uma volta, acabei por afogar o motor.

Detido no meio da via, olhei-me no espelho retrovisor. Havia apenas espaço para o reflexo dos meus olhos. Não foi um ato trivial. Ultimamente, tinha medo de me ver ao espelho. Estava de boa saúde, tinha boa cara, mas por vezes não me reconhecia. Era uma sensação estranha, como que de dissociação. Por dentro sentia-me uma pessoa diferente da que mostrava por fora. Era evidente que sofria um conflito que, por algum motivo, não queria enfrentar. O que se passava comigo? O meu escritório de advogados corria às mil maravilhas e, no plano pessoal, a minha relação amorosa não podia ser melhor. Mas na minha vida faltava algo; talvez daí o medo do espelho. Era como se o meu rosto refletido estivesse incompleto; e não havia maneira de saber qual era a peça do puzzle que faltava.

Engoli a saliva e arranquei de novo. Fui até à casota do responsável, onde os meus companheiros me esperavam, e assegurei-lhes que aquelas duas voltas tinham sido mais do que suficientes para conseguir a carta para conduzir pela esquerda.

Contentes com a minha determinação, saltaram para dentro do veículo e, lançando gritos de júbilo, arrancámos.

As estradas sul-africanas são estreitas, sinuosas na cordilheira e retas nos parques naturais, atravessadas pela neblina que nas grandes extensões deforma os limites do asfalto. A carrinha engolia quilómetros em toda a tranquilidade, como se se deslocasse sobre um colchão de ar a alguns centímetros do chão. O curioso foi ter-se começado a passar o mesmo comigo. Em vez de estar tenso por conduzir junto das ravinas sem proteções, desde que havíamos mergulhado naquele universo de girafas e antílopes sentia-me mais leve, como se tivesse deixado em casa parte do peso que ultimamente me esmagava.

Baixei o vidro e respirei fundo. Os meus pulmões encheram-se mais do que o habitual. Estive mesmo tentado a voltar a ver-me no retrovisor, mas não o fiz.

*A finalidade de uma confissão é dizermos a verdade a nós mesmos.*

J. M. Coetzee, Prémio Nobel de Literatura

## **A FAZENDA CALCINADA**

Ao pôr do sol, começámos a olhar para a paisagem de forma diferente. Precisávamos de um lugar para dormir, e no ponto que a vista alcançava não parecia haver um único.

— Não devia estar por aqui a fazenda que o guia recomendava? — murmurou a Gela, colando os olhos num mapa.

Tínhamos apontada a direção de uma antiga propriedade de colonos *bóer* — designação dos emigrantes flamengos — reconvertida em *Bed & Breakfast*. Aquela oferta de hospedagem era uma nova forma de ganhar a vida para parte da população branca que dominara o país durante o *apartheid*, o sistema de segregação racial. Aproveitavam as suas mansões — até há pouco tempo repletas de criados negros em regime de semiescravidão — para alojarem os viajantes independentes que iam aparecendo por ali.

Já era noite cerrada quando abandonámos a estrada e nos introduzimos num bosque por um caminho que nos conduziu até uma cerca. Entre as árvores, adivinhava-se uma casa de madeira térrea e, numa clareira próxima, um celeiro. Parecia um lugar bucólico, mas, na escuridão, destilava algo de estranho...

Ao sairmos da carrinha, percebemos. Se víamos tudo negro à nossa volta não era por ser de noite. A fazenda estava calcinada.

Estávamos a prestes a voltar por onde tínhamos vindo quando apareceu um rapaz branco, atlético e muito bem penteado. A sua dentadura perfeita reluzia como néon no meio das sombras.

— Ainda bem que não vieram ontem! — exclamou enquanto nos recebia com um forte aperto de mãos. — Houve um incêndio muito perto, e uma das línguas de fogo passou-nos por cima.

Verificámos que a propriedade não chegara a arder, mas ficara suja de fuligem ao ser queimada de forma superficial.

Nesse momento, como os bonecos de um filme de animação, aproximaram-se de nós um coelho chamuscado e um cão com três patas. O modelo de pasta dentífrica agachou-se para os acariciar.



— Terão de me perdoar — esclareceu, tomando por assente que ficávamos —, mas não tive tempo para limpar a cinza que se infiltrou nos quartos...

Jantámos um assado de avestruz enquanto ouvíamos as histórias daquele jovem empreendedor, que, decidido a levar o seu negócio em diante, não ia deixar que umas chamas lhe roubassem a esperança.

— Tivemos de amputar uma pata ao meu cão, e não passa o dia a lamentar-se e a suplicar aos céus que lhe cresça de novo. As coisas nunca correm exatamente como queremos, mas no fim do caminho encontramos sempre algo ainda melhor do que o esperado.

Estivemos à conversa até de madrugada. O nosso anfitrião era um ativista antiapartheid convicto, que havia passado muito tempo com alguns compatriotas. Confessou-nos que achava que alguém ateara o incêndio da noite anterior para lhe queimar a fazenda.

— Aprendi a estar preparado para qualquer coisa — declarou. — Os sul-africanos são mestres na arte de se sobreporem à dor e às situações adversas. Além de ultrapassarem os contratempos, saem fortalecidos e constroem sobre eles. Basta pensar em Mandela...

Falava do Nobel da Paz como se fosse o seu próprio pai. Emocionava-se ao contar-nos como passara 27 anos na prisão sem que o seu espírito fosse abalado; como, apesar do tratamento infra-humano que sofrera, quando lhe permitiam sair da sua cela abençoava os carcereiros. Qual era o seu segredo? Persistir no seu sonho. Tinha o objetivo pessoal de construir uma África do Sul livre e perseverou até conseguir.

*Tudo parece impossível até se tornar possível.*

Nelson Mandela, Prémio Nobel da Paz

## O REENCONTRO

No dia seguinte, continuámos caminho para Port Shepstone, a localidade onde o Johan vivia. Como tínhamos passado a noite em claro, perdemos as primeiras horas de luz a dormir e, quando vimos o letreiro de BEM-VINDOS, já o Sol se punha. Não fazíamos qualquer ideia de como chegar a sua casa. Também não havia GPS, nem dispúnhamos de um bom mapa da cidade, que não era uma grande urbe, mas era bem mais extensa do que esperáramos. Assim, procurámos um lugar para nos alojarmos e do qual lhe pudéssemos ligar pedindo indicações precisas. Escolhemos outra residência de colonos situada nos subúrbios. Detivemo-nos frente à vedação. Toquei à campainha algumas vezes para avisar de que estávamos ali e estacionei a carrinha lá dentro. Enquanto esperávamos pelo dono, avançámos em direção ao alpendre e espreitámos pelas janelas da sala. E foi então que percebemos. Por cima das nossas cabeças pendiam uma espécie de cartolinas.

— São... — começou a Gela.

Eram radiografias, suspensas por fios, a meia altura.

Orquestrando o momento, o chiar de uma porta rompeu o silêncio. Apareceu uma mulher de cerca de 60 anos, de batom e envergando um vestido — que poderia ter sido de noiva — sobre o qual trazia um casaco de fato de treino. Nesse instante, apareceu o marido (que trazia mais correntes de ouro

penduradas ao pescoço e nos pulsos do que um *rapper*) e concordaram em alojar-nos, convidando-nos a entrar no seu inglês carregado por uma dura pronúncia dos *bóer*. Passámos a porta pouco convencidos, a cochichar que na cave deviam ter um cofre cheio de membros humanos dos anteriores viajantes.

Depois do duche, desci à sala e procurei o telefone. Marquei o número do Johan, e a sua voz televisiva respondeu-me.

— Onde estão alojados? — perguntou depois de se assegurar de que tínhamos chegado sãos e salvos. Expliquei da melhor forma que fui capaz, e ele disse: — Estás na sala?

— Sim — respondi, sem chegar a compreender a pergunta.

— Espreita pela janela grande.

Afastei a cortina, olhei para a rua através da grade e ali estava o meu amigo, com os mesmos óculos que levava no dia em que nos conhecemos, em Gante, saudando-se da janela da propriedade construída no passeio em frente.

*Nem o mais sábio conhece o fim de todos os caminhos.*

J. R. R. Tolkien, escritor nascido na África do Sul

## UM GRITO DE LIBERDADE

Ficámos para jantar com o Johan e a Edith um pouco mais tarde. Era emocionante pensar como nos tínhamos conhecido em Gante e, dois anos depois, voltávamos a juntar-nos do outro lado do mundo.

Ao terminar uma tarte de abóbora e umas salsichas acabadas de preparar no churrasco, distribuímo-nos pelos sofás da sala ampla. A Edith acariciava simultaneamente um par de *sch-nauzer* gigantes que se haviam sentado ao seu lado, tão grandes como ela, mas mimosos como um ursinho de peluche. Dirigiu-se a mim e disse:

— O Johan disse que foste músico profissional. Adoro música. Porque é que desististe?

Resumi-lhe a minha longa história: aos 7 anos começara a estudar solfejo, harmonia e piano, que abandonei no sexto ano do curso para passar à *pop*, coincidindo com o início da universidade e a formação dos Quinta Columna, o meu primeiro grupo; daí — enquanto frequentava o quarto ano de Direito — passei aos Catorce de Septiembre, uma banda de *rock* com que gravei um disco com a Sony Music, que recebeu prémios e nos levou em *tournee* com os Los 40 Principales e até nos garantiu uma audiência de cinco milhões; contei ainda que, do mesmo modo que ascendemos vertiginosamente, mergulhámos no esquecimento; depois embarcara em diversos projetos musicais, inclusive como produtor para outros cantores; e, neste momento, sentia-me perdido, frustrado com a composição, farto de tentar convencer toda a gente de que minhas canções mereciam ser ouvidas, mas ao mesmo tempo triste porque realmente gostava de ter continuado a cultivar a minha veia artística de uma forma ou de outra, uma aspiração que se desvaneceu quando me responsabilizei totalmente pelo escritório de advogados da família.

— O que me tortura é que tive a oportunidade de voltar a tentar e não o fiz — continuei depois de uma pausa. — Criei um dueto

chamado Rojo com o meu amigo Ezequiel, o cantor dos Catorce de Septiembre, e convidaram-nos para gravar com outra multinacional, mas decidimos não o fazer. Ambos tínhamos a vida organizada, sabes como é, a roda não parava de girar e arrastava-nos com ela. Ele lançou-se numa nova aventura profissional, e eu comecei a tomar conta do escritório do meu avô, que por essa altura já era bastante velho. Se não me integrasse imediatamente, perderia a carteira de clientes e a oportunidade de lhe suceder.

— Era uma opção difícil — disse a Edith.

— Não era apenas pelo trabalho em si; eu adorava o meu avô e queria viver aquilo com ele.

— Mas mesmo assim custou-te dar o passo.

— A verdade é que teria adorado testar-me com aquele novo projeto musical. Podia até fracassar, se fosse o caso. Mas deixei passar sem tentar... Enfim, pelo menos o escritório continua. Os clientes aturaram-me.

— Qualquer escolha implica um sacrifício — sentenciou a Edith depois de alguns segundos de silêncio. — Repara em nós, um belo dia abandonámos tudo para virmos para aqui. Imagina como a coisa como soou em nossas casas: a África do Sul! Mas gostávamos efetivamente disto; ou, pelo menos, entusiasmava-nos a ideia que tínhamos criado, mesmo sem sabermos o que iríamos encontrar... Talvez estivéssemos um pouco loucos — riu-se, voltando-se para o marido.

Estariam loucos por perseguirem o que os entusiasmava, apesar da incerteza? Estaria eu entusiasmado com o que fazia? Estaria a viver a vida que desejava?

— Em Gante, contaste-nos que quase perdeste a visão a subir o rio Congo — disse ao Johan, tentando fugir à conversa.

— Foi por causa da quinina. Eu conhecia os efeitos secundários, mas arrisquei e tive pouca sorte. Embora nunca ninguém me possa tirar o facto de ter vivido a experiência mais apaixonante que poderia imaginar.

Levantou-se e, passado pouco tempo, regressou com um velho álbum de fotografias. Eram os seus próprios instantâneos daquela viagem, uma impressionante reportagem a preto e branco.

— Quando decidi seguir a rota de *O Coração das Trevas* não imaginava que as coisas continuariam a ser tão complicadas como quando Conrad escreveu o romance. Tive de contratar um grupo de nativos que encheram o barco de superstições. À medida que subíamos o rio Congo, mergulhávamos cada vez mais numa névoa que parecia saída da fogueira de um feiticeiro. Os nativos não paravam de rezar e de cantar. Ao passarem pelos desfiladeiros, lançavam moedas à água para apaziguarem os espíritos. O pior era que não havia moeda que mantivesse os mosquitos afastados. Se uma noite ficasses com uma perna de fora da rede, comiam-ta literalmente às picadas. Daí a quinina, que na altura era o único medicamento capaz de controlar a malária.

— Além da visão, também lhe roubaram a atenção mediática reservada à façanha! — exclamou a Edith.

Explicaram-me que, no dia em que o jornal ia publicar os pormenores da travessia do Johan, uma importante vitória do pugilista Muhammad Ali monopolizara quase todo o espaço informativo. Voltou a levantar-se e, desta vez, trouxe o recorte que guardara desde então.

Sorri sem parar de olhar para ele. Para mim, era como estar frente a um guru.

— O que se passa? — perguntou ele, traçando por sua vez um gesto simpático.

— Tenho imensa inveja, Johan, é isso que se passa. Viveste uma vida memorável. Essa viagem, como os exploradores de antigamente...

— Mas quase fiquei cego — apontou com naturalidade.

A Edith soltou um dos *schnauzer* e esticou-se em direção ao outro sofá para acariciar a mão do marido.

— Com cegueira incluída, compro-te a vida — repliquei.

— Ainda vais a tempo — declarou ele.

— Asseguro-te que por esta altura já não é possível mudar nada, com a trapalhada de questões judiciais que tenho em curso. Tornei-me um homem sério e engravatado.

— Eu, se fosse a ti, nunca esqueceria o grito de guerra do meu caro Nelson Mandela. Aquele que o ajudou a resistir durante os seus 27 anos de cativo.

— Que grito?

— Sou senhor do meu destino!

### *Invictus*

*Na noite que me envolve,  
negra como um poço insondável,  
dou graças ao Deus que for  
por minha alma inconquistável.  
Nas garras das circunstâncias  
não gemi nem chorei.  
Ante as punhaladas do acaso*

*mesmo que tenha sangrado, jamais me prostrei.  
Para lá deste lugar de ira e prantos  
espreita a escuridão com o seu horror.  
Não obstante, a ameaça dos anos  
me encontra e me encontrará sem temor.  
Já não importa quão reto tenha sido o caminho  
ou quantos castigos carregue às costas.  
Sou senhor do meu destino.  
Sou capitão da minha alma.*

William Ernest Henley, poeta do século XIX que, depois de sofrer a amputação de uma perna, escreveu o poema que serviu de inspiração a Nelson Mandela

## UM PASSEIO PELA SUAZILÂNDIA

O Johan recomendou-nos que visitássemos um pequeno parque natural chamado Mkahaya, localizado na vizinha Suazilândia. Não estava nos nossos planos transpor uma fronteira, mas a curiosidade começou a remoer-me desde que, no primeiro dia, entrámos na carrinha e isso era extremamente viciante, pelo que...

O reino dos suazis revelou-se um lugar complexo. Pequeno como um grão-de-bico entre a África do Sul e Moçambique, registava a maior taxa do VIH do planeta, com perto da metade da população infetada. Em vez de combater o subdesenvolvimento, o seu bilionário e polígamo monarca absolutista dedicava-se a organizar todos os anos uma festa, a Oferenda das Canas, para escolher uma nova mulher a integrar no seu harém. Milhares de



nativas, muitas delas menores de idade, faziam soar as contas dos seus colares e pulseiras de mãos e tornozelos num espetáculo presidido pela Grande Elefanta, rainha-mãe e líder espiritual do país, ataviada com a sua capa de pele de vaca branca. O soberano alegava que, ao casar todos os anos com uma jovem de uma tribo diferente, conseguia que todo o seu povo se sentisse parte da realeza. Elas só queriam ter um filho o quanto antes para que o rei, como fizera com as dúzias que já haviam concebido, as presenteasse com um palacete e um *BMW*.

Empreendemos caminho em direção à reserva, deixando para trás os cânticos das virgens, mas ainda haveríamos de encontrar algo de inesperado pelo caminho. O funcionário de um posto de abastecimento de gasolina, ao saber que éramos espanhóis e depois de nos perguntar se preferíamos o Real Madrid ou o Barça, comentou:

— Na escola de uma cidade não muito longe daqui há um missionário espanhol.

Não nos deu mais dados, mas decidimos desviar-nos para lhe fazer uma visita surpresa. Era evidente que começávamos a gostar de sair da rota inicialmente traçada; e também que era nos caminhos alternativos que surgia a emoção. Acreditas que o missionário — que encontrámos com relativa facilidade — nos contou que passara grande parte da sua vida como sacerdote em Logroño, a minha pequena cidade de província, a dar aulas numa escola a poucos minutos de minha casa? Era provável que nos tivéssemos cruzado várias vezes na rua sem sabermos que, anos mais tarde, as nossas vidas se cruzariam noutra continente.

Enquanto nos mostrava a escola, os alunos mais novos aproximavam-se para saltar à nossa volta. Andavam com os brinquedos

mais variados, pequenas obras de engenharia construídas por eles próprios à base de arames, trapos velhos e embalagens *Tetra Brik*. Viviam num país que carecia de tudo, mas não paravam de rir. Compreendi que as crianças se confrontavam com o mundo experimentando, destruindo padrões, surpreendendo-se e emocionando-se, e por isso aprendiam e cresciam tão depressa. Esta viagem mostrava-mo a cada instante: a improvisação e a espontaneidade eram os verdadeiros motores do renascimento e da mudança.

Tal como o Johan e a Edith, o padre Mikel também optou por se deixar ir, e afirmava ter encontrado o seu lugar. Em ambos os casos, ousaram sair da sua zona de conforto, abandonando vidas de comodidade em troca de muitas incertas, mas que acabaram por se revelar um poço de felicidade... porque as viviam com paixão, espantando-se a cada passo, com alma de criança.

*Quando vemos o rosto de uma criança pensamos no futuro. Nos seus sonhos sobre o que poderá vir a ser, e sobre o que poderíamos alcançar.*

Desmond Tutú, Prémio Nobel da Paz

## **A MINHA ZONA DE CONFORTO**

Deixei que o Fabián conduzisse o resto do caminho até ao parque natural e recostei-me no banco traseiro para pensar no que estava a viver.

O que se teria passado se não tivesse aceitado dar um passeio com aquele homem mais velho que conheci num elétrico?

Tudo teria sido muito diferente.

Acabava de iniciar o percurso e já estava a compreender que toda viagem se constrói passo a passo; e que cada um desses passos, por mais insignificante que pareça, aponta o leme numa direção ou outra.

Se se desse o caso de eu também amar algo com tanta força, seria capaz de fazer como os meus amigos sul-africanos, cortar com tudo para o perseguir? A minha zona de conforto era realmente muito agradável. Mas não podia evitar a sensação de vazio, a dissociação diante do espelho...

Estava bastante confuso, mas pelo menos consegui aperceber-me de uma coisa: aquilo a que chamamos zona de conforto não é necessariamente uma zona confortável, é apenas uma zona conhecida. Reservar duas horas por dia a viajar de metro em hora ponta entre aromas de duvidosa higiene e sem espaço para abrir um livro é zona de conforto. Aguentar um chefe inepto que não sabe como o deve tratar, que nos rebaixa ou humilha porque não conhece outra forma de legitimar a sua autoridade é zona de conforto. Viver com alguém que tenta não olhar de frente porque há anos que só partilham a hipoteca é zona de conforto. Não são zonas confortáveis, são apenas conhecidas. O inexplorado aterroriza-nos, e ancoramo-nos a rotinas nocivas, recusando-nos a mudar, mesmo sabendo que estamos a destruir-nos por dentro.

*Só os pés do viajante conhecem o caminho.*

Provérbio africano

## O SERENO OLHAR DOS ANIMAIS

Mkahaya era uma reserva pequena, mas também muito especial pelo facto de a presença dos animais selvagens ser imediata. Não existindo felinos predadores, fazíamos expedições em jipes descobertos ou a pé para observar rinocerontes e elefantes sem medo de sermos atacados por uma leoa. No entanto, como aqueles grandalhões também não eram nenhuns anjinhos, antes de sairmos exigiam-nos que assinássemos uma declaração de isenção de responsabilidades à empresa gestora do parque para o caso de regressarmos ao campo base com uma tromba presa ao pescoço ou um corno de marfim a trespassar-nos o peito.

Recordo o aflorar do lombo pré-histórico dos rinocerontes na chapa do jipe; também recordo o sussurro do guia, quase inaudível sobre o cricri dos insetos matinais, a perguntar-nos a poucos metros de uma família de paquidermes se tínhamos os atacadores das botas bem presos para o caso de ser necessário desatar a correr.

Foi empolgante e ao mesmo tempo muito íntimo. Sentíamos-nos ligados à terra. Depois da indigestão de modernidade que trazíamos connosco, era libertador regressar às origens.

A humanidade nasceu há quatro milhões de anos, um pouco mais a norte do ponto onde nos encontrávamos, no chamado desfiladeiro de Olduvai, onde os primatas desceram das árvores e começaram a andar pela savana eretos, sobre as pernas. Nesse momento, tudo estava por fazer, tudo estava por aprender. Olhava para aquele lugar, tão parecido com o seu aspeto de outrora, e imaginava os seres humanos de cócoras junto à gruta, a partilharem olhares serenos com os animais selvagens. Tranquilos

com o seu caos, tomando uma decisão após outra pouco a pouco. Decisões — como a de caminharem direitos — que iam mudar, não a sua própria vida, mas a de todos os que viessem atrás.

Ao terceiro dia no acampamento, acordei cedo para ver amanhecer. Enquanto aquecia uma cafeteira num fogão a gás, divisei uma manada de gnus que pastava muito perto do acampamento. Fixei-me nas suas corcundas peludas. Pareciam mochilas. Eu também trazia a minha colada às costas. Como tu. Como todos nós. Mochilas que, desde os tempos daqueles primeiros homínídeos, viemos enchendo com muito material desnecessário.

Quando acabei de ouvir as palavras do Johan e da Edith e do padre Mikel, compreendi que uma das coisas que mais pesava era o acumular de decisões que outros tomam por nós. Assim, abri a minha mochila, tirei essas decisões alheias, e deixei-as cair, a todas elas, sobre o lume.

Se eu não dirigisse o leme, outros o fariam por mim. O meu caminho não era o dos meus pais, nem o das circunstâncias, nem o da carreira para a qual estudara, nem o do que toda a gente faz, nem sequer o dos meus talentos.

Nesse momento, decidi que, se se desse o caso, eu também abandonaria a minha zona de conforto e empreenderia a viagem da minha vida pela zona da incerteza, aquela que nos assusta tanto. Ao fim e ao cabo, todos os que a sulcavam descobriam que era uma incerteza empolgante e divertida, como quando éramos pequenos e subíamos para a atração de feira em que um comboio se mete por um túnel escuro. Exploraria essa zona em que acontece o inesperado, o nunca imaginado, o que nos emociona, a zona em que residem as coisas que realmente amamos e que vale a pena perseguir.

O mundo em que vivia não deixava muito espaço para sonhar, mas, pelo menos, era claro que algo mudara. Não sabia onde me levaria a vida nem quando me encontraria frente ao primeiro cruzamento em que teria de tomar as minhas próprias decisões, mas para já sentia-me capaz de gritar aos quatro ventos: «Sou senhor do meu destino, sou capitão da minha alma!»

*No sábado, era um cirurgião da África do Sul muito pouco conhecido. Na segunda-feira, era mundialmente famoso.*

Christiaan Barnard, cirurgião sul-africano  
que realizou o primeiro transplante de coração

## **O ANEL DE MISSANGAS**

Há pouco tempo pesquisei «Mkahaya» na Internet e vi que construíram umas acolhedoras cabaninhas de pedra. Quando passámos por lá, há quase 20 anos, só havia tendas de campanha. Eram amplas, com camas com mosquiteiro e até uma bacia de cerâmica e um jarro metálico para fazer a higiene no interior, mas apenas um tecido nos separava dos animais que se aproximavam para farejar, sobretudo os javalis verrugosos com a cara cheia de protuberâncias como Pumba, de *O Rei Leão*.

Na última noite, depois de ter jantado uns saborosos bifes de antílope polvilhados com umas ervas acabadas de arrancar a um arbusto, a Cristina lia recostada na cama, com o mosquiteiro afastado para um lado para que a luz do candeeiro de óleo

lhe chegasse melhor. Eu observava-a de uma cadeira, vendo-a passar páginas lentamente, com as sombras da chama a vibrarem-lhe na pele branca.

Apercebi-me de que não sentia qualquer medo. Nem dos animais que rondavam a tenda, bufando e empurrando o tecido, nem do futuro. Estava onde tinha de estar, no princípio de um novo caminho, o meu próprio caminho. E também percebia qual era o primeiro passo: entregar um bilhete eterno à minha companheira de viagem.

Levantei-me da cadeira e revistei a mochila à procura de algo que comprara uns dias antes num mercado zulu sem que ela se desse conta. Era um anel de missangas brancas, vermelhas, verdes e pretas. Respirei fundo sem me voltar, acariciando-o suavemente.

A Cristina continuava a ler, vestida com umas calças de campanha e uma camisola de algodão cinzenta da Universidade de Valência. Como pedir a alguém que se case connosco de forma que soe romântico e ao mesmo tempo com um toque pessoal? Vimo-lo mil vezes na televisão, mas, chegado o momento da verdade... Tentei acalmar-me, imaginando que se ouvia a banda sonora de *África Minha*. Ambos adorávamos o filme e a música de John Barry. O primeiro tema, chamado *I Had A Farm In Africa*, com os violinos a pairarem sobre as pradarias envernizadas de rosa e violeta pelo ocaso. Imaginei Meryl Streep e Robert Redford na tenda, dizendo a mim mesmo que tudo estava a correr bem, e...

Correu às mil maravilhas.

O resto da noite decorreu entre as pegadas dos animais que rondavam a tenda e o canto das andorinhas de pena azul. No dia seguinte, acordámos e retomámos caminho, conduzindo pela

esquerda entre zebras, kudus e impalas, subindo e descendo a grande barreira das lanças, metendo o braço pela janela para que o vento brincasse com a palma da mão como se esta fosse capaz de voar além das nuvens...



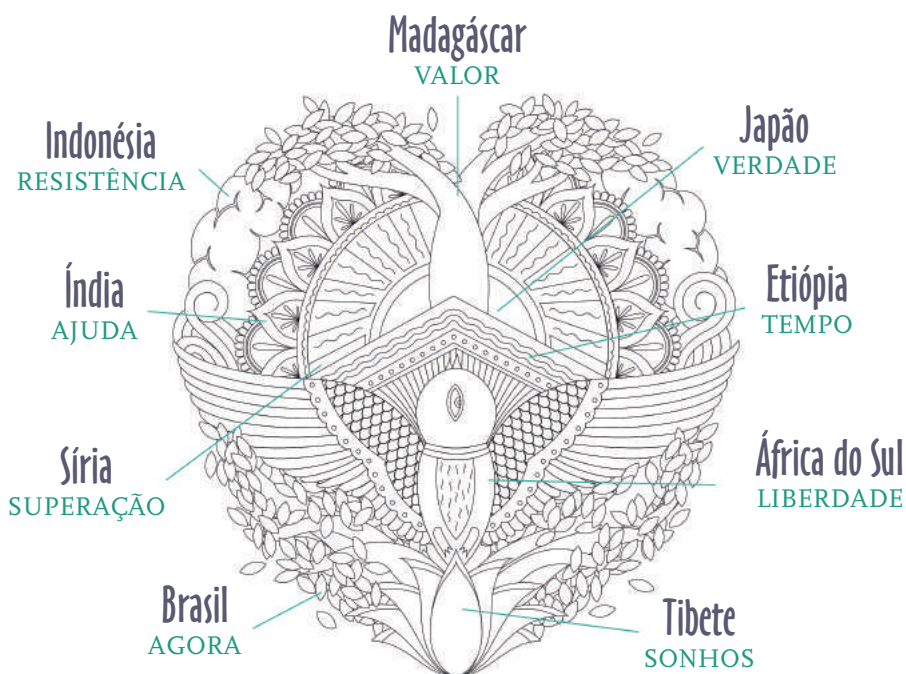
## DIÁRIO DE BORDO

- Na viagem da tua vida, em cada um dos teus passos, por mais insignificante que pareça, aponta o leme numa direção ou outra.
- Na viagem da tua vida, não vale contratar uma agência. A improvisação e a espontaneidade são os verdadeiros motores do renascimento e da mudança.
- Não te deixes enganar pela tua zona de conforto. Não é confortável, apenas conhecida. Salta para a zona da incerteza onde ocorre o inesperado, o nunca imaginado, aquilo que te emociona, onde residem as coisas que realmente amas e que vale a pena perseguir.
- Retira da mochila as decisões que outros tomam por ti. Entras-te no princípio da viagem da tua vida e, neste ponto, terás de saber que, se não dirigires o leme, outros o farão por ti. És senhor do teu destino, capitão da tua alma.

# Vives a vida que verdadeiramente desejas? Sentes que te falta algo?

Andrés Pascual, escritor e viajante, já visitou mais de 50 países. Neles encontrou inspiração para os seus romances e, acima de tudo, lições valiosas que o guiaram na viagem mais importante de todas: a que fez ao fundo do seu coração para descobrir o que realmente amava, redirecionando assim a sua vida.

**Acompanha-o em dez viagens distintas, e nelas encontrarás também as chaves para a maior de todas as viagens: perseguires o que amas e viveres a vida que mereces.**



 <p>nascente o curso da sua vida 20 20 editora</p>	<p>ISBN 978-989-8849-52-6</p>  <p>9 789898 849526</p> <p>Autoajuda</p>
---	---